

A
feiticeira
e o caçador de
Baleias

ALEX BITTEN

A
feiticeira
e o caçador de
Baleias



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022
Copyright © Alex Bitten, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

ANÁLISE CRÍTICA
Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Sarah Libna

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Bitten, Alex.

A Feiticeira e o Caçador de Baleias / Alex Bitten – 1ª edição – São
Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-54-0

1. Ficção brasileira 2. Drama 3. Romance I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Para minha mãe, Isabel.



A Feiticeira e as Três Meninas

As três meninas se esquivavam entre as pedras, molhadas pela chuva que caíra no fim da tarde. O cheiro agradável da areia molhada se misturava ao aroma trazido pelo mar, que batia com força nos rochedos, distantes algumas centenas de metros.

A noite se aproximava, e, no horizonte, algumas nuvens em tons avermelhados diminuía de intensidade, como se a capa de um gigante encobrisse o morro.

Caminhavam em silêncio, parando de vez em quando para ouvir se mais alguém estava na trilha, mas apenas a sinfonia das ondas chegava aos seus ouvidos.

Duas meninas usavam vestidos surrados, estavam descalças e deixavam pequenas pegadas. A última, que caminhava com passos decididos, vestia um belo vestido. Seu sapatinho delicado estava cheio de areia, e ela praguejava para si mesma, arrependida de sua decisão e pensando na explicação que daria para seu desaparecimento.

Sabia que seria castigada, mas a curiosidade era maior do que o medo da punição.

Andavam em fila indiana, em meio à escuridão, seguindo por uma trilha ladeada de pedras altas, escuras e cobertas por um musgo verde e escorregadio.

— Devíamos voltar — sussurrou uma das meninas que andava descalça.

— Clara, não estamos longe. Se não continuarmos, não teremos outra chance.

Quando estavam na praia e haviam decidido o que fariam, Clara se sentira corajosa, mas agora estava arrependida. Era a mais bonita, seus cabelos eram escuros e lisos. Os olhos verdes cor de esmeralda estavam alinhados com o nariz, a boca e o queixo triangular.

A menina com o belo vestido se aproximou.

— Yolanda tem razão, agora não podemos voltar. Se não fizermos nenhum barulho, não há com o que nos preocuparmos. Vamos prosseguir em silêncio. Estou deixando marcas brancas nas pedras com este pedaço de giz que trouxe comigo. Se houver qualquer sinal de perigo, voltamos correndo pelo mesmo caminho.

— Você não tem medo, Sofia, porque está aqui de férias e logo irá embora. Mas nós moramos aqui, junto com Verena. Se ela nos descobrir, vai lançar uma praga sobre Yolanda e eu.

— Verena não vai nos descobrir, Clara — respondeu Sofia. — Somos mais inteligentes e espertas do que ela.

— Mas e se ela nos descobrir?

— Ela não vai nos descobrir — afirmou Yolanda, a menina de cabelos cacheados e rosto redondo, que liderava o grupo. — Não se formos espertas. Nós decidimos que veríamos Verena se tornar uma feiticeira e assumir o lugar de sua mãe. Ela morreu na semana passada, e ouvi minha mãe conversar com as outras mulheres sobre como elas fazem isso na próxima noite de lua cheia.

— Que é hoje — finalizou Sofia.

Clara ia argumentar, mas sentiu que suas amigas estavam determinadas, e o medo de voltar sozinha era maior do que o de seguir em frente.

Subiram pela trilha, venceram uma encosta, onde as pedras aumentaram de tamanho — em alguns momentos, apenas uma pequena abertura entre elas permitia que prosseguissem. Atravessaram uma área em que arbustos espinhosos ladeavam o caminho, com pés de butiá dispostos aleatoriamente na areia, ainda quente pelo sol forte que o aguaceiro não tinha esfriado. A trilha ficou sinuosa, depois desceu até uma pequena enseada.

As três meninas se aproximaram devagar, olharam a estreita faixa de areia, que recebia pequenas ondas. A enseada não tinha mais de dez metros e era ladeada por pedras de vários tamanhos, algumas com mariscos, que apareciam devido à maré baixa.

No meio da clareira tinha sido feito um pequeno círculo com pedras, preenchido com gravetos.

— Verena ainda não chegou. Vamos nos esconder — afirmou Yolanda, trazendo Clara e Sofia de volta à realidade. — Ela vai chegar logo.

Esconderam-se entre as pedras, de onde poderiam ver a cerimônia.

— Será que vai demorar muito? — perguntou Clara.

— Quietas — disse Sofia.

A escuridão envolveu as meninas.

No horizonte, uma luz prateada surgiu do mar, formando uma abóboda, que foi aumentando aos poucos. A lua cheia emergiu do mar devagar, iluminando a enseada com tons azulados, tornando-a densa, como se um encantamento tivesse sido lançado.

— Oh! — exclamaram as meninas ao mesmo tempo, maravilhadas ao contemplar a beleza do fenômeno.

— Que visão linda.

— Nunca vi nada parecido.

— Vai ser hoje — afirmou Sofia. — Vamos ver algo que lembraremos para sempre.

A lua, o mar e a enseada fascinavam suas mentes ingênuas e repletas de imaginação.

Uma figura surgiu entre as pedras, vindo pela trilha que as meninas usaram. Era uma jovem alta e magra, com um vestido longo e uma bolsa de palha nas mãos. Seus cabelos eram escuros e desciam até as costas. Estava descalça. Caminhava devagar e passou em frente às meninas sem as perceber. Parou na praia, deixando que as ondas cansadas, que morriam na areia, lavassem seus pés.

A jovem ficou parada, contemplando a imensidão escura à sua frente, iluminada pela lua, que criava um efeito prateado na água. Largou a bolsa

na areia, deu alguns passos para trás, soltou os botões do vestido e o deixou deslizar pelo corpo.

A figura esguia da jovem nua deixou as meninas boquiabertas. Nunca tinham visto uma mulher sem roupas, e a luz do luar permitia que vissem os seios pequenos, os contornos do seu corpo e a respiração de seu ventre.

Verena entrou no mar e, como uma sereia, nadou nas águas calmas da baía sob os olhares atentos das meninas. Ela saiu, inclinou-se sobre a bolsa, pegou uma pederneira e acendeu a fogueira. As chamas começaram tênues, mas a jovem colocou gravetos, que acenderam os galhos mais grossos. A fogueira aumentou, aquecendo seu corpo.

Levantou-se, virou-se na direção da lua e começou a cantar uma canção numa língua que as meninas não compreenderam. Movendo os braços com graça e leveza, a jovem Verena caminhou ao redor da fogueira, dançando sob a luz da lua. Era o início da cerimônia para substituir sua mãe, Elvira.

As meninas estavam amedrontadas e maravilhadas, porque assistiam a um ritual de feitiçaria.

Um ritual que a tornaria uma feiticeira.

A feiticeira da vila dos caçadores de baleias.

Verena se abaixou, pegou algo na bolsa, levantou-se e voltou a cantar e a dançar ao redor da fogueira. Seu corpo ficou suado e sua pele refletia o brilho das chamas.

Parou de repente, soltou um grito, levou as mãos ao pescoço e caiu de joelhos, fazendo as meninas prenderem a respiração.

O tempo parou após o grito de Verena.

Levantou-se devagar, recitou o que as meninas acreditaram ser um juramento. Colocou a mão fechada sobre a fogueira e a abriu. Algo caiu nas chamas, que chiaram e lançaram labaredas azuladas.

— Oh! — disse Clara, assustada.

Verena olhou ao seu redor e se afastou da fogueira.

Tinha sido descoberta.

Olhava com desconfiança para onde as meninas estavam escondidas.

— Quem está aí?

As meninas se abaixaram nas pedras, mas Verena, sem demonstrar receio, andou para o lado e viu os três vultos atrás das rochas.

— Saiam agora ou as transformarei em sapos.

As meninas se levantaram e, sem dizer nada, caminharam de cabeça baixa na direção da fogueira. Sofia e Clara tremiam de medo, mas Yolanda levantou a cabeça e encarou o olhar da feiticeira.

— Vocês têm ideia do que fizeram?

— Não — afirmou Clara, assustada.

— Sim — disse Yolanda.

— Yolanda, você esteve me seguindo o dia todo. Pensa que não percebi? Você chamou suas amigas, e, como três ratazanas, vieram me espionar?

— A gente só queria ver... — Tentou explicar Clara.

— Silêncio! Não quero desculpas. O mal está feito. Vocês cometeram um grande erro ao virem aqui. O maior que poderiam cometer em suas jovens e miseráveis vidas.

Verena caminhou para o outro lado da fogueira, olhou para a lua, para o mar e depois se voltou para as meninas, que levantaram a cabeça e olharam assustadas para a jovem nua com a face transtornada de ódio.

— Diga, Yolanda, o que esperava ver?

— Nós queríamos ver você dançar.

— Sim — afirmou Clara —, dançar e fazer magia.

— Fazer magia?

— Sim — continuou a menina —, como você fez há pouco para controlar o fogo.

— Como vocês foram tolas. E quanto a você, Sofia? Não vai dizer nada?

— Quando não se tem nada a dizer é melhor ficar em silêncio.

— A mais sábia das três.

— Verena.

— Fale, Yolanda. Explique o que não pode ser explicado! Mostre que tem coragem e tente acalmar a raiva do meu coração.

— Nós não fizemos por mal, apenas ficamos curiosas porque sabíamos que você dançaria para a lua. Mas não se preocupe, não vamos contar para ninguém o que vimos.

— Mas o que vocês viram?

— Você se transformar numa feiticeira.

— Não contarão para ninguém?

As três meninas balançaram a cabeça, afirmando.

— Juram que não contarão o que viram esta noite?

Nova afirmação tripla.

Verena caminhou por trás das meninas, foi até a beira do mar e contemplou a lua. Clara deu um passo para trás e ia correr na direção da trilha.

— Fiquem todas onde estão — disse sem olhar para trás.

Clara voltou para o seu lugar, recebendo um olhar de repreensão das suas amigas.

A jovem caminhou para junto à fogueira, respirou fundo e falou com uma voz poderosa:

— Olhem para mim.

As meninas levantaram a cabeça, e o olhar de Verena parecia soltar faíscas. Dois diamantes presos a uma face de mármore.

Tudo havia se dissipado, como a bruma da manhã ao receber os primeiros raios de sol.

— O juramento será o seu salvo-conduto para deixarem este lugar vivas e em segurança. Se um dia contarem o que viram para alguém, farei um feitiço que encherá suas barrigas com baiacus. Elas vão inchar até explodirem. Se uma contar, todas vão sofrer, estão entendendo?

— Sim — responderam ao mesmo tempo.

— Agora podemos ir embora? — perguntou Yolanda.

— Não. Vocês influenciaram o ritual.

— O que é influenciar? — perguntou Clara, assustada.

— Quer dizer que nós mudamos a magia de Verena — explicou Sofia.

— Nós nos tornamos feiticeiras?

— Não seja tola, Clara. Mas o que vocês fizeram trará consequências para suas vidas.

— O que é consequência? — perguntou Yolanda.

— É algo que vai acontecer com a gente — explicou Sofia.

— Sim, Sofia, é isso mesmo. Vocês não deveriam estar aqui, mas o passado não pode ser alterado. E não haverá tolerância para o que fizeram.

Clara ia perguntar o que era tolerância, mas Sofia segurou sua mão trêmula e a apertou. A menina, com os olhos cheios de lágrimas, olhou para a jovem nua à sua frente e perguntou com a voz engasgada:

— O que vai acontecer conosco?

— Algo terrível — disse a jovem, levantando os braços com os punhos cerrados. — Se Madrugada ainda estivesse vivo, ele transformaria vocês em lagartixas! Vocês não querem espionar? Não querem saber o que as pessoas fazem? Como lagartixas, viveriam comendo moscas e baratas, mas poderiam se esconder nas frestas das casas para ver o que os adultos fazem.

Clara tremeu o corpo, desde os pés até a cabeça. Durante a noite, ela ouvia sua mãe gemer e seu pai emitir grunhidos abafados. Acreditava que eles se apertavam quando iam dormir para relaxar o corpo depois de um dia de trabalho duro no barracão. Às vezes ouvia sua mãe soltar pequenas risadas e depois gemidos que não pareciam de dor. A curiosidade de ver o que faziam atiçava sua mente. Mas não queria se tornar uma lagartixa.

A jovem implorou perdão, mas a expressão de Verena a fez olhar para a areia úmida da enseada.

— Como castigo pelo que fizeram, vocês conhecerão o futuro de suas vidas. Essa será a punição por terem interrompido a minha cerimônia.

— Eu não quero saber o futuro — afirmou Sofia.

— Silêncio! Essa não é uma escolha. Vocês violaram um ritual sagrado e agora sofrerão as consequências. Sou uma Feiticeira do Destino. Posso ver o futuro de vocês, e esse será o seu castigo.

Soltou uma gargalhada que deixou as meninas apavoradas.

— Você — disse, apontando para Clara, que tremeu como se um vento gelado a atingisse. — Você será a primeira. Sim, conhecerá seu futuro. É a mais ingênua das três, a mais tola. Mas, em compensação, se tornará a mais bela. Porque beleza e ingenuidade costumam andar juntas. Irá se casar com um caçador de baleias, o mais corajoso que a armação já viu. Ele será belo, forte e viril, e irá amá-la com toda a força de seu coração. Viverão felizes, como um casal deve ser.

Clara suspirou, aliviada, porque seu futuro era como sempre sonhara. Verena abriu os braços e arregalou os olhos.

— Sim. Alegria profunda, risos e noites de amor. Mas então... — Fez uma pausa e arregalou os olhos. — O anjo negro virá numa nuvem de poeira e com ele virá a fera. Do fundo do mar, ela virá sem aviso e semeará o medo nos corações dos caçadores. Até mesmo seu marido, o mais valente de todos, sentirá horror ao olhar para seus olhos.

Baixou os braços, parecendo exausta.

— A fera trará dor e ranger de dentes. Então, nada mais será como antes.

Verena apanhou um punhado de areia e depois se inclinou para frente, ficando quase sobre a fogueira.

— Seu ventre é seco como a areia que escorre pelas minhas mãos — afirmou, deixando a menina horrorizada, porque ela não sabia o que significava “ventre”, mas, pela expressão de Verena, não podia ser coisa boa. — Você nunca terá filhos, e essa será sua maior infelicidade. Tentará engravidar, vai me pedir chás, unguentos e feitiços, e eu vou atendê-la. Mas jamais terá um filho para perpetuar o seu nome.

A feiticeira esperou que Clara falasse algo, mas a menina baixou a cabeça para que ninguém visse suas lágrimas.

— Metade da sua vida será de alegria e felicidade, como uma manhã de primavera. Mas será castigada pelo vento da tristeza e da solidão.

Apontou para Sofia.

— Você.

Sofia encarou a feiticeira, reunindo toda a coragem que possuía.

— Eu também sei o seu futuro. Você vem de uma família poderosa, que mora na distante cidade do Rio de Janeiro e está na vila dos caçadores

porque seu pai é o chefe da companhia que enche o navio com o óleo de baleia. Brinca com Clara e Yolanda porque gosta da liberdade que elas têm, mas se considera superior porque sabe ler e escrever, enquanto elas nunca irão para a escola. É a mais sábia, e sempre será assim. Seu coração é forte e sua inteligência se tornará afiada como a lâmina de uma espada. Quando crescer, se tornará bela. Não tão bela quanto Clara, mas parecerá mais bela, porque a beleza de uma mulher pode ficar maior com os cuidados que recebe, e você será muito bem cuidada, cercada de empregados que executarão os trabalhos que fazem a beleza desaparecer. Vai se casar com o homem que seu pai escolher e viverá uma vida cercada de coisas que agradam a alma de uma mulher.

Sofia ouvia atenta às palavras de Verena, enquanto Clara e Yolanda permaneciam de cabeça baixa.

— Mas sabedoria e felicidade jamais andarão juntas. Terá tudo, mas o que aquece seu coração pertencerá a outra. E você a invejará. Mesmo tendo todas as coisas que o mundo pode proporcionar, você a invejará. E usará seu poder para saciar seu desejo e num único dia, em toda a sua vida, encontrará a felicidade com que sempre sonhou.

Verena levantou os braços e gritou com todo o ar que tinha nos pulmões. Então disparou sua sentença como uma flecha, que atingiu o coração da menina:

— Viverá numa gaiola de ouro. Mas será feliz por apenas um dia, que mudará o seu destino.

Sofia ia falar que não acreditava em nada do que tinha ouvido, mas estava tão assustada com a revelação sobre seu futuro que a língua ficou grudada na boca.

Verena se voltou para Yolanda.

— Você foi a responsável por trazer suas amigas até aqui. Foi ideia sua se esconderem nas pedras como escorpiões para observar o que eu estava fazendo. E pensar que um dia eu salvei sua vida. Talvez não devesse ter feito isso, mas o destino quis que eu a tirasse dos braços da morte. E agora sei por quê. Eu vi o seu futuro, Yolanda.

A menina levantou o olhar, reunindo o que restava da coragem em seu amedrontado coração.

— Você se tornará uma mulher forte. Não será bela como Clara nem sábia como Sofia, mas a força que carrega em seu coração um dia baterá por duas vidas. Vai se casar com um homem que a amará enquanto o sopro de ar entrar em seus pulmões. Ele vai liderar os caçadores de baleias, nos momentos bons e nos momentos difíceis, quando a fera surgir. Você será feliz ao seu lado e juntos serão a trilha segura durante o dia e a luz quando a época da escuridão chegar. Três filhos alegrarão o seu coração, tornando sua família forte como nenhuma outra. Um deles se tornará um bravo caçador e sua coragem será lembrada para sempre.

A feiticeira caminhou até o mar. As meninas ficaram paradas como estátuas de pedra, como se um encanto as impedisse de se mover. Verena retornou para a fogueira e se colocou diante da menina.

— Terá três homens em seu coração, mas um dia, quando saírem para caçar, terá que fazer uma escolha, a maior de sua vida. Deverá escolher um deles para entregar ao mar.

— Jamais entregarei alguém para o mar!

— Terá que escolher. Não há como fugir do destino.

Verena fechou os punhos, levantou os braços e soltou um uivo. Aterrorizadas, as meninas tremeram pelo remorso que consumiria seus corações ao longo de suas vidas.

O preço que pagariam por sua ousadia.

— Sumam da minha frente e jamais digam o que viram aqui!

As meninas correram, como se estivessem sido libertadas de uma força invisível, e seguiram pela trilha, sem olhar para trás.

— Corram! — gritou a feiticeira, lançando risos de escárnio. — Não esqueçam seu juramento! Podem fugir deste lugar, mas não podem fugir do destino! A fera virá, trará a vingança do mar e fará a beleza chorar sangue!

Desesperadas, as meninas fugiram da feiticeira.

Mas levavam em seus corações aflitos as revelações de seus destinos.

Caçadores de Baleias

O amanhecer estava carrancudo, com o céu nublado em diversos tons acinzentados. O vento soprava com força do Sul e castigava sem piedade o velho no alto do morro.

Havia quatro barcos na praia, e cerca de trinta homens estavam espalhados ao seu redor. Todos tinham recebido a bênção do padre Constantino, que, consumido pela idade, afastava-se apoiado em uma bengala feita de osso de baleia.

As embarcações tinham doze metros de comprimento, dois metros de largura, e um mastro de seis metros, que a dividia no meio, com a popa e a proa delgadas para facilitar a navegação e ter agilidade na realização de manobras.

Alguns homens tomavam café, afiavam arpões e ajeitavam os cabos, cuidavam dos remos e das velas. Conversavam, contavam piadas e trocavam sorrisos esparsos, mas uma tensão pairava no ar. Se uma baleia se aproximasse da enseada, Fernão, o velho no alto do morro, conseguiria avistá-la e enviaria um sinal.

Eram magros, usavam roupas simples, botas de couro, mas alguns andavam descalços. Tinham as mãos ásperas, os braços fortes, os rostos expressivos, com olhos destemidos envoltos por rugas, a pele bronzeada e os cabelos amarelados pela exposição ao sol e à água salgada.

Em seus corações não havia lugar para a covardia. Ali morava a fé, a esperança e a resignação da sua condição de caçadores de baleias.

Eram homens do mar.

Homens duros como um rochedo e resistentes como uma corda de linho.

O velho no morro observou a movimentação na praia e sorriu, porque sabia o que estavam sentindo. Fernão já fora um caçador, tinha liderado uma embarcação e usado seu arpão com precisão mortal. Mas o tempo, algoz da humanidade, cobrara sua conta e encerrara sua atividade de arpoador. Seu coração estava resignado, e por isso não invejou os caçadores na praia.

Com a ajuda de Deus, tinha atravessado os ciclos da vida e enfrentado os desafios do mar, ajudando a vila com seu trabalho usando a habilidade que estava no sangue de seus antepassados, que vieram dos Açores e fundaram a armação de Imbituba.

Fernão ainda participava das caçadas. Era o olheiro, uma função de honra, designada para um experiente caçador, o homem que avistava o animal colossal que vinha de um lugar onde Deus não permitia que o gelo derretesse.

Procurando águas quentes, as baleias chegavam para acasalar e ganhar seus filhotes, e a região de Imbituba, no sul da província de Santa Catarina do império do Brasil, era uma delas.

Naquela região havia sido construída uma armação baleeira, uma vila com autorização do império brasileiro para caçar o enorme mamífero.

Era naquela região paradisíaca que o velho Fernão observava o mar agitado. Sentou-se numa pedra, retirou a bolsa de palha que levava a tiracolo, pegou um canivete, palha de milho e um pedaço de fumo de corda. Preparou um cigarro com calma, cortando o fumo em pequenas lascas, ajeitou num pedaço de palha retangular, enrolou devagar e selou com uma lambida.

Sempre atento, ajeitou o chapéu, que por pouco o vento não roubara, e olhou para o mar.

Nada.

Nenhum sinal da presença de uma baleia, apenas as ondas acinzentadas, que corriam na direção do vento, num ritmo que apreciava desde criança. Sempre que subia no morro e olhava para a imensidão azul, seu coração se enchia de energia, uma força que só quem vive junto ao mar pode compreender.

Seu pai explicara, quando ainda era jovem, que o mar era vivo, e suas ondas incessantes eram como a vida. Tinha de estar sempre preparado, pois nunca se sabia o momento em que mudaria.

Acendeu o palheiro, deu uma tragada e deixou a fumaça escapar devagar. Olhou para uma gaivota que se aproximou, contrária ao vento, planando sobre o velho homem do mar, e ambos se observaram com curiosidade.

O velho sorriu para a ave, que girou na direção do vento, afastando-se com grande velocidade. Fumou seu palheiro sem pressa. Levantou-se e caminhou na direção do penhasco. Observou o espetáculo das ondas que se chocavam nas pedras e levantavam uma espuma branca.

Olhou para mar e avistou algo que chamou sua atenção. Na entrada da enseada, duas manchas na água, uma maior e outra menor. Elas emergiram e soltaram esguichos sobre as ondas agitadas.

As duas baleias se moviam devagar e pareciam se dirigir para a enseada.

Não havia tempo a perder. Pegou um galho, no qual estava amarrado um pano branco, e agitou na direção do grupo de pescadores, com o objetivo de alertar o sentinela.

Abel, o homem que deveria estar atento à vigília de Fernão, estava de costas, sentado num banco, tomando café. Naquela manhã, estava irritado, porque não queria sair para o mar, mas fora obrigado por Pedro, o líder dos caçadores.

Não era apenas irritação, mas uma mistura de inveja e indignação pela liderança e carisma que Pedro exercia sobre os homens. Algo que parecia fácil para ele, mas para Abel era como beber água do mar. Queria ser o líder dos caçadores, mas Pedro fora eleito, conquistara esse direito com experiência e espírito de liderança.

Até mesmo o padre Constantino parecia lhe dar uma bênção especial. Sentiu o estômago queimar de irritação com esse pensamento. Mas sua coragem era a mesma de Pedro, disso não tinha dúvida. Então por que Deus não lhe concedera a liderança da vila dos caçadores? Esse era um dos motivos pelo qual Abel estava contrariado naquela manhã, e por isso se afastara do grupo para tomar seu café.

O mar estava agitado, e, por isso, tinha certeza de que o velho Fernão, que era um cego beberrão, não veria nada além de ondas acinzentadas.

— Baleia! — o grito de Francisco, filho mais velho de Pedro, colocou todos em alerta.

Abel cuspiu o café, levantou-se e olhou para o morro. Para sua desgraça, o velho beberrão estava agitando a bandeira de avistamento.

Maldição.

Um homem alto e forte subiu no barco principal. Pedro, o líder dos pescadores, encarou Abel, que baixou a cabeça para não enfrentar o seu olhar de reprovação.

O silêncio de Pedro e dos caçadores era pior do que qualquer coisa que fosse dita, e isso só aumentou a sua raiva.

Do alto da embarcação, acenou para Fernão, que baixou o galho, aliviado. Com o olhar aguçado, procurou com calma nas águas agitadas e distinguiu os dois esguichos entre a baía e o mar aberto.

As baleias tinham atravessado uma boa parte da enseada e agora se afastavam.

Refletiu se arriscava colocar os barcos na água. Era o mês de junho, o início da temporada de caça, e as baleias viriam até setembro. Era o primeiro avistamento do ano. O mar estava agitado, e as águas onde elas estavam eram profundas, e o esforço dos homens poderia ser em vão.

O espírito de caçador falava alto, a alma intrépida do homem do mar o impelia para o desafio.

Para a caçada.

Sabia que a vila dependia do abate dos grandes mamíferos, e, assim como a vida, o mar nem sempre propiciava as melhores condições para a realização de um trabalho.

— Ao mar!

Os homens gritaram, agitaram-se e se posicionaram nas laterais dos barcos.

A tripulação era composta por seis remeiros, o timoneiro e um arpoador, que, se fosse habilidoso, podia matar a baleia com um único arremesso.

Os homens empurraram as embarcações para a beira do mar. Remos foram colocados na água, e braços fortes impulsionaram as embarcações na direção da caça. O trabalho de romper a arrebentação era árduo, mas as tripulações eram acostumadas a esse desafio, e, aos poucos, sob os gritos dos timoneiros, ganharam velocidade, rompendo as ondas e se afastando cada vez mais da praia.

O barco de Pedro ia na frente, seguido pelo de Francisco, seu filho mais velho. Alguns metros atrás vinham a terceira embarcação, comandada por Abel, e a última era liderada por Romão, um homem alto, forte, com olhos e pele escuros, um exímio arpoador.

Abel viu no olhar de sua tripulação o desprezo pela sua falta de atenção. Isso só aumentou a sua raiva, mas não se abateria. Era experiente e, para romper as ondas, orientava com os braços a direção e a velocidade a ser empregada nos remos. Seus remadores diminuíram a distância até Pedro, que acabava de vencer a última onda.

O líder dos caçadores, em pé na proa, sinalizou para que fossem para a direita e diminuíssem a velocidade. Observava a superfície do mar, procurando os esguichos das baleias. Francisco parou uns vinte metros ao seu lado, e, quase tocando seu costado, estava o barco liderado por Romão.

Era a oportunidade que Abel esperava. Precisava se redimir do erro que cometera, mostrar sua liderança para todos. Seus homens já começavam a diminuir a velocidade nos remos quando ele se virou e gritou:

— Quem mandou diminuir? Remem, seus desgraçados! Vamos passar na frente deles!

Os homens sabiam que a decisão correta era parar para localizar as baleias, para então remar com toda velocidade em sua direção. Mas Abel não queria esperar, queria provar que era melhor do que Pedro e seu filho arrogante.

— Força, seus desgraçados!

Seus remadores empurraram os remos na água e o barco ganhou velocidade.

Romão balançou a cabeça em sinal de reprovação ao ver a embarcação de Abel ultrapassar a de Pedro.

— É um idiota, vai espantar as baleias.

Francisco gritou:

— Espere!

Mas Abel não esperou.

Pedro ouviu o grito de advertência do filho e compreendeu o que Abel queria fazer. Praguejou para si mesmo.

— Abel é um tolo — afirmou Salomão, seu irmão mais velho, que era o timoneiro. — O que faremos?

— É um idiota, invejoso, e agora está com raiva. Eu não sei em qual dessas três coisas ele é melhor. Está querendo provar para sua tripulação que é um bom líder, mas pode espantar as baleias e vai pagar caro se isso acontecer.

— Devíamos deixá-lo espantá-las e aumentar a fúria dos homens.

— Sim, devíamos — Pedro respondeu num rosnado. — Estou com vontade de deixar que isso aconteça, mas não podemos. Não agora. Precisamos caçar, Salomão, precisamos daquele animal, e se Abel conseguir arpoar uma delas vai precisar de ajuda.

— Então o que estamos esperando?

Pedro acenou para Francisco e sinalizou para seguirem em frente.

— Remos na água, caçadores.

Abel estava com os olhos arregalados, as batidas do seu coração pareciam tambores dentro do peito. Sabia que se não encontrasse os animais ou se os espantasse seria castigado por Pedro, e a humilhação seria maior do que não ter visto o aviso de Fernão. Mas se encontrasse os animais e fosse o primeiro a arpoá-los recuperaria seu prestígio.

Certa vez, durante uma missa, tinha ouvido o padre Constantino dizer que a audácia era um dom de Deus e favorecia os homens corajosos que a buscavam. Abel não era um homem audacioso, mas hábil em criticar e fazer intriga. No entanto, naquele momento acreditou que a sua audácia, seja lá o que quer que significasse, poderia lhe trazer uma boa sorte.

Os olhos estavam atentos, buscando qualquer sinal dos animais, mas a ondulação prejudicava o avistamento.

— Apareçam, malditas.

As baleias emergiram, cem metros à direita. Ele quase gritou de alívio, mas se conteve.

Sua desobediência tinha valido a pena, a sorte sorria para ele. Abel sinalizou para Acauã, o timoneiro, um homem alto, de olhar penetrante e fortes traços herdados da tribo Xokleng, à qual pertencia.

— Estamos chegando perto! Força, cambada, quero os remos fundo na água!

Contagiados pelas palavras de Abel, seus homens moveram os remos com força nas águas.

Agora era a hora da corrida final. Abel era um caçador experiente, sabia que as baleias voltariam a emergir, e, pela trajetória que estavam fazendo, ordenou para seguirem na direção de onde acreditava que elas voltariam à tona. A perseguição durou vários minutos, e, à medida que se aproximava dos animais, a tensão a bordo ia aumentando.

Os animais emergiram, soltaram um esguicho, seguido de um chiado forte, e então mergulharam.

Abel apanhou um arpão.

Era uma haste feita de ferro batido, medindo noventa centímetros de comprimento, com uma farpa afiada na ponta, e conectada a um bastão de madeira de dois metros. O arpão era preso pela vinhoneira, um cabo grosso de cinco centímetros de espessura, medindo três metros de comprimento.

Abel conferiu a ostaxa, um cabo que tinha três centímetros de espessura e media cento e cinquenta metros. Ficou em pé na proa, esperando seu momento de glória.

Ou perdição.

A embarcação subia e descia as ondulações, impulsionada pela força dos remos, e dificultava seu equilíbrio. Flexionou os joelhos, ora para a direita, ora para a esquerda, com o arpão seguro pela mão direita, pronto para lançá-lo. Seus olhos experientes viram duas manchas escuras à frente, um pouco à direita. Sinalizou com a mão para irem naquela direção.

As duas baleias emergiram.

Abel levou o arpão para trás e, com toda a força que possuía, atirou-o na direção do filhote. A haste de ferro afiada penetrou fundo no dorso do jovem animal, soltando um esguicho vermelho de sangue. Ele abanou o rabo na tentativa de soltar o arpão e mergulhou, levando a ostaxa para o fundo, que emitiu um silvo ao passar pelo orifício engraxado com banha de porco.

A fêmea mergulhou atrás do filhote.

No momento do mergulho houve grande preocupação, pois a cauda do animal ferido poderia despedaçar o barco e lançar a tripulação ao mar. Outro risco era que o cabo enrolasse, fazendo-os mergulhar com a baleia. Naquele momento, era necessário agilidade para cortá-lo.

Por isso Abel pegou uma machadinha e desceu o cabo com grande velocidade até terminar. Ele esticou, puxando-os com força por algumas centenas de metros, com a baleia emergindo em períodos curtos, até a corda começar a afrouxar. Apanhou outro arpão.

Dois caçadores começaram a puxar o cabo.

O filhote emergiu próximo, em meio a uma mancha avermelhada. Abel lançou outro arpão, atingindo o torso do animal, que mergulhou mais uma vez. Outro arpão foi oferecido, mas ele recusou e pediu uma

lança, uma haste de ferro com dois metros de comprimento com a cabeça larga, achatada e afiada. Era presa a um cabo de madeira e tinha um cabo que ficava amarrado na proa, e era arremessada e puxada várias vezes, até que o animal estivesse morto.

Quando a baleia submergiu, soltou um esguicho avermelhado. Abel atirou a lança e a puxou de volta. Um arpoador experiente poderia matar uma baleia cansada com um único disparo, mas Abel não tinha acertado nenhum ponto vital e queria fazer o filhote sofrer.

— Morra, desgraçada! — gritava enquanto atirava a lança e puxava o cabo com força.

Os ferimentos deixavam escapar o sangue em esguichos, tingindo o mar de vermelho. O filhote tentava escapar, agitava sua cauda com violência, mas, cada vez que fazia isso, Abel gargalhava. Sentia prazer em caçar os filhotes, enfiar o arpão em sua carne macia, ver o sangue escorrer e tingir as ondas de vermelho.

O filhote agonizou, diminuindo os movimentos até parar.

Os outros caçadores puxaram a corda do arpão para que o animal fosse preso na lateral do barco.

A baleia adulta, uma fêmea, emergiu e se aproximou devagar, na direção do filhote.

— Venha para a morte.

Com precisão, atirou o arpão, acertando o dorso do animal, que nadou para a esquerda, levantou a cauda, tentando retirá-lo, e mergulhou, passando por baixo da embarcação. O cabo foi puxado para o fundo do mar com violência e, quando terminou, o barco foi impulsionado para frente, mas dessa vez com mais força, desequilibrando Abel.

Começava uma nova corrida, e o timoneiro, orientado por Abel, manobrava o leme usando toda a sua experiência.

Ao menor descuido, todos seriam lançados na água.

Se a baleia fosse para o mar aberto, seria preciso cortar o cabo. Mas ela também poderia dar meia-volta e usar a cauda para atacá-los. Por fim, ela poderia parar e girar sobre seu corpo, tentando se liberar do arpão. Essa terceira hipótese fez Abel mostrar um sorriso nervoso, com os dentes cerrados. Havia atirado sua arma com precisão, fazendo a haste afiada penetrar fundo, atravessando o couro e a camada de trinta centímetros de gordura.

O animal nadou por vinte minutos, subindo para respirar. O esforço de puxar o barco foi deixando-a exausta, sua velocidade foi diminuindo, até que o cabo afrouxou.

A baleia submergiu, esguichou um vapor avermelhado de seu dorso e fez uma volta para a esquerda.

Abel ficou horrorizado ao vê-la se aproximar.

Iria atingi-los em cheio.

— Pegue outro arpão! — gritou o timoneiro.

— Rápido, homem! Pegue antes que nos acerte! — gritaram os remadores.

Abel estava congelado de terror. Sabia que a baleia estava furiosa pela perda do filhote, pelo ferimento, e vinha em busca de vingança.

Barcos já tinham sido destruídos por ataques enfurecidos, com caçadores afogados e mortos pela enorme cauda.

Os marinheiros gritaram, mas Abel não conseguia se mover. Sua audácia, coragem ou qualquer outro sentimento que pudesse impeli-lo a reagir tinham desaparecido.

Congelado de pavor, assistia à baleia se aproximar.

— Nossa Senhora. Nos proteja.

A mãe de Jesus atendeu às preces dos caçadores.

Foi um daqueles acontecimentos que são contados por anos em bares, ao redor de lareiras nas noites frias de inverno, passados de pai para filho.

O barco de Francisco, filho de Pedro, passou na frente da baleia. Sua tripulação, formada de jovens corajosos e destemidos, tinha vindo para enfrentá-la e evitar uma tragédia.

Na popa, Francisco segurava seu arpão. Aguardou o momento certo — não sentia medo em seu coração, mas a coragem de um caçador que sabia o que precisava ser feito.

Lançou o arpão, atingindo a baleia atrás da cabeça, fazendo-a mergulhar. Ela levantou a cauda, molhando-o e atingindo a lateral da embarcação com força, mas sem causar nenhum dano.

A tripulação do barco de Abel gritou de alívio e elogiou a bravura de Francisco, que arriscara sua vida e a de sua tripulação para salvá-los.

Abel olhou para o jovem e rangeu os dentes, recebendo uma expressão furiosa em resposta por ter partido sozinho atrás das baleias.

A baleia puxou os barcos por algumas dezenas de metros, foi diminuindo de velocidade, emergiu e ficou se agitando, tentando se livrar dos arpões.

Foi alcançada por Pedro, que terminou de abatê-la com lanças.

Eles se aproximaram do animal, que tingia o mar de sangue, formando uma mancha, levada pela correnteza para o Sul.

O barco de Romão tinha ficado para trás, para amarrar cabos na cauda do filhote, e agora o rebocava para a praia.

Abel olhou para seus remadores e recebeu de seus olhares a reprovação por sua conduta.

— O que estão olhando? Tive coragem de guiá-los, matei o filhote e acertei um arpão que ferrou a fêmea.

— Você não esperou! — gritou Francisco. — Poderia ter espantado as baleias. Quando a fêmea atacou, você não fez nada para proteger sua tripulação. Se não fosse eu, estariam mortos.

— Acha que vou esperar vê-las indo para mar aberto? Não mesmo. — E apontou para a baleia. — Se não fosse eu, não haveria caça. Não atirei porque sabia que a baleia estava morrendo. Você que correu risco ao atirar o arpão nela tão de perto.

Alguns remadores balançaram a cabeça, concordando com Abel, porque o que ele dissera acontecera outras vezes.

— Isso não é verdade. Ela vinha para se vingar.

— Chega de discussão — ordenou Pedro. — Não é assunto para discutir em mar aberto. As ondas estão aumentando e precisamos levar as baleias para a armação.

Francisco estava furioso, ia retrucar, mas o olhar severo de seu pai o fez mudar de ideia.

— Acauã, passe a corda pela baleia — ordenou o líder dos caçadores.

Um dos remadores, um homem de pequena estatura, pegou a ponta de uma corda e mergulhou. Passou por baixo da baleia, jogou a ponta por cima e depois, com esmero, laçou o animal. A carcaça foi puxada, e dois caçadores saltaram os arpões.

Rumaram para a praia, rebocando as baleias para a armação.

Orgulho e Preconceito

— Quanto acha que vai render? — perguntou Pedro para seu irmão, Salomão.

— Não é das maiores, mas também não é pequena. Acredito que dará sete mil litros de óleo se trabalharmos bem.

Os dois homens conversavam enquanto vários trabalhadores do barracão retalhavam o animal que estava na praia. Um grande corte longitudinal tinha sido feito da cabeça até a cauda por foices e facões afiados, que retiravam grandes fatias de toucinho. Elas eram transportadas para a oficina, onde seriam derretidas e convertidas em óleo, armazenados em tanques, para depois encherem barris. Eles seriam transportados até o porto de Imbituba para serem enviados para São Paulo e Rio de Janeiro. Abel estava junto de um grupo de caçadores. Sorria, falava alto e gesticulava muito, mostrando como tinha arpoado o filhote e depois a baleia adulta. Os homens ouviam sua façanha com atenção.

No barco ao lado, Francisco carregava um pesado rolo de cordas nas costas e sua expressão séria mostrava que estava contrariado, sem conseguir esconder sua irritação com a voz mentirosa de Abel.

— Parece que Abel continua acreditando que é um herói, que seus atos não colocaram em risco a caçada e a vida da sua tripulação. Ainda por cima, está se gabando na frente de Francisco apenas para provocá-lo.

— Quem conta uma história, conta a partir dos seus interesses. Sempre foi assim e sempre será.

— Você sabe o que ele deseja.

— Eu sei. Nos últimos meses, Abel resolveu me desafiar, colocar à prova minha liderança. Enquanto ficou fazendo intrigas, não dei importância, mas prejudicar uma caçada e colocar os homens em perigo é algo que não vou aceitar. Podem discordar da minha liderança, mas falem na minha frente, como um homem de verdade deve fazer. Não vou permitir que uma cobra como Abel envenene os caçadores.

— O que vai fazer?

— Vou conversar mais uma vez com Francisco, mas não agora. Está muito nervoso, e não é prudente conversar com um caçador quando não há paz em seu coração. Mas está se comportando como um tolo e caindo nas armadilhas de Abel. Isso não é bom para a armação.

— Ele me lembra de alguém quando era jovem, cabeça-dura, teimoso, mas que, com o tempo e a experiência, se tornou um grande líder.

Pedro sorriu com o elogio e concluiu que seu irmão tinha razão. Sentiu orgulho do filho, que já liderava uma embarcação e era o melhor caçador da vila.

— Eu tive o melhor mestre que um caçador poderia ter: José, nosso pai. Que Deus o tenha. Vou proteger a vila com a minha vida, e, quando chegar a hora, entregarei a liderança para Francisco.

Salomão concordou com a cabeça enquanto ambos olharam para o emburrado Francisco, que não retribuiu a uma brincadeira feita por seu melhor amigo, Josiel.

— Agora é hora de ser como nosso pai, se tornar o mestre de Francisco e ensinar o que aprendeu ao longo dos anos.

Dois homens vieram de onde a baleia estava sendo retalhada, o mais velho era baixo, gordo e manco da perna direita. Parecia não ter pescoço, seu rosto era redondo, a pele, clara, e os cabelos eram grisalhos. O segundo era jovem, magro, tinha cabelos castanhos e um rosto fino, onde sobressaía um nariz pontudo.

— Para uma primeira caçada, até que não está mal — disse, sorrindo, o homem mais velho, apertando a mão de Pedro e Salomão. — É uma fêmea, mas não está muito gorda. Tem trinta e cinco centímetros de toucinho, um pouco longe dos cinquenta que eu gostaria, e vai dar uns quatro dias de trabalho no barracão.

— Como está indo meu filho? — perguntou para Dilermando.

O homem gordo se equilibrou na perna boa e bateu nas costas do jovem.

— Muito bem, Pedro, muito bem. Miguel não é forte como Francisco, mas Deus é bom. A força de Miguel não está nos braços, está aqui — disse, apontando para a cabeça do jovem. — Ele aprendeu rápido as contas, ontem mesmo descobriu uma falha na contagem dos barris no armazém, feita por Feliciano.

— Quantos?

— Dez, pai. Eles estavam atrás de uma pilha de lenha.

O jovem sorriu para os dois homens, cumprimentou seu tio com um aceno e depois olhou para seu pai buscando um elogio, mas o líder dos pescadores ignorou o seu olhar.

— Não quero barris sendo movimentados sem necessidade no barracão. Dilermando, fique de olho em Feliciano. Dez barris é muita coisa para deixar de contar.

— Não se preocupe — disse Dilermando —, já coloquei Miguel no seu calcanhar. Seu filho tem tino para o trabalho e vai fiscalizar a contagem e conferir o carregamento.

Pedro não elogiou a esperteza citada por Dilermando nem o erro que seu filho havia descoberto. Apenas olhou para ele e balançou a cabeça em sinal afirmativo. Para Miguel, aquela pequena aprovação era o reconhecimento do seu trabalho e o elogio que jamais seria transmitido por palavras.

— Pai, eu gostaria de falar com o senhor.

— Sobre o quê?

— Sobre participar das caçadas.

— Seu irmão já está fazendo isso. Preciso de seus olhos e ouvidos com Dilermando para garantir que o nosso trabalho não se perca.

Miguel ia retrucar, mas o olhar severo de Pedro o fez mudar de ideia. Dilermando percebeu a desilusão no olhar do rapaz, sorriu e deu um tapa em suas costas.

— Miguel, precisamos ter profissões diferentes para que o mundo possa se manter em equilíbrio. Perante Deus, todo trabalho é importante.

Francisco é como seu pai, nasceu para liderar os caçadores e, apesar das reclamações de Abel, a armação já enxerga em seu irmão as qualidades de um bom líder. Quanto a você, meu bom rapaz, pode não ter ombros largos, voz de comando ou os olhos de um caçador, mas tem o dom da inteligência para os números e para os serviços no barracão. Um dia, a armação saberá da importância do seu trabalho.

— Dilermando tem razão — afirmou seu tio. — Todos os trabalhos são importantes. Está fazendo um ótimo trabalho e não há nada do que se envergonhar por não estar dentro de um barco.

— Está bem — respondeu, baixando a cabeça.

Três moças se aproximaram carregando cestos com bolos de milho e distribuíram para os trabalhadores.

O coração de Miguel sentiu um aperto e depois se encheu de felicidade ao reconhecer uma delas.

Quirina, a jovem de cabelos castanhos e olhos cor de mel, a jovem que alegrava seu coração ingênuo, estava entre as duas moças e sorriu ao reconhecê-lo. Seu vestido verde desbotado esvoaçava pelo vento que vinha do mar, delineando um corpo esguio, fazendo sua imaginação viajar com pensamentos audaciosos.

Miguel contemplou o rosto de Quirina. Era fino como o seu, a pele clara estava salpicada com pintas pequenas, incontáveis como as estrelas numa noite sem nuvens. Os olhos eram castanhos, estreitos, cheios de vida e estavam sempre brilhando. O nariz era pontudo e os lábios, quando se abriam, deixavam escapar uma voz suave e agradável. Ele via uma língua pequena, que se movia rápido como se tivesse vida própria. O que destoava no rosto de Quirina eram suas orelhas, que eram maiores do que a proporção do seu rosto, motivo pelo qual ela vivia de cabelos soltos e os prendia apenas para trabalhar no barracão. Uma vez ouvira a feiticeira Verena dizer que sua musa parecia uma elfa. Não gostara da comparação, apesar de não ter a menor ideia do que significava.

Para Miguel, Quirina era um anjo que viveria em seu coração para sempre. Quando ela estava perto, seu peito apertava como se estivesse nas mãos de um gigante, e sua garganta secava como se caminhasse dias por um deserto. Quando Quirina abria a boca, o tempo ao seu redor parava.

Para o jovem apaixonado, nada mais importava.

Miguel acenou para cumprimentá-la, mas ela não retribuiu o gesto, e isso o deixou entristecido. Queria conversar com Quirina, levá-la para caminhar e lhe dar flores de presente, mas tudo o que conseguia era “bom dia” ou “boa noite”. E suas respostas, que vinham de um coração tímido e apaixonado, eram monossilábicas.

Três jovens caçadores se aproximaram e começaram a conversar com elas, gesticulando e falando alto, sobre como tinham ajudado a caçar as baleias. Isso foi o suficiente para desiludir Miguel e trazê-lo de volta para a dura realidade.

O caminho para o coração de Quirina passava por deixar o trabalho do barracão e tornar-se um caçador de baleias.

Respirando fundo para criar coragem, Miguel olhou para seu pai, e ia fazer mais uma tentativa, mas ele estava conversando seriamente com Francisco, seu irmão mais velho, e seu tio Salomão. Desejava fazer parte daquele grupo, sentia-se excluído, como se fosse um rejeitado ou alguma maldição conjurada o impedisse de acompanhar os outros caçadores.

A mágoa e o ressentimento aumentaram em seu coração, misturados ao amor distante de uma jovem que jamais o notara.

Miguel ouviu o som de um tropel e, junto com Dilermando, olhou para o outro lado da praia.

Um grupo de cavaleiros se aproximava.

— Parece que a notícia de que a caçada foi boa já chegou nos ouvidos da companhia — afirmou Salomão.

— E você tinha alguma dúvida?

Cinco cavaleiros chegaram pela praia num galope que deixava pegadas profundas e levantava areia com facilidade. O primeiro cavaleiro era um homem de estatura média, vestia um conjunto de montaria preto e usava botas de couro que iam até os joelhos. Atrás vinha uma mulher. Era magra, o rosto era delicado, com cabelos loiros amarrados num rabo de cavalo. Usava um conjunto de montaria marrom, luvas de couro e cavalgava com habilidade. Os outros três homens eram peões, vestiam casacos de couro

sobre camisas desbotadas, calças de linho e botas surradas. Traziam na cintura coldres com pistolas.

O cavaleiro que vinha na frente parou diante de Pedro, e o cavalo por pouco não o atingiu, mas suas patas lançaram areia nas suas botas.

— Bom dia.

— Bom dia.

Os três peões, sem dizer uma palavra, colocavam-se atrás dos caçadores, enquanto a mulher conduziu seu cavalo devagar, parando atrás do primeiro cavaleiro. Ela se ajeitou na sela, sorriu parecendo fazer uma careta e respirou fundo.

— Nada como uma boa cavalgada pela manhã, não é mesmo?

Pedro olhou para a mulher, que retribuiu movendo o canto dos lábios de forma quase imperceptível.

— Não temos cavalos velozes, então não sabemos o que é cavalgar pela manhã.

— É verdade. Por um momento me esqueci desse detalhe. Bem, cada homem deve aproveitar o que a vida lhe dá. Não é mesmo?

Todos esperaram pela resposta de Pedro, mas ele não disse nada, apenas encarou o homem à sua frente, que segurava as rédeas do cavalo, que batia as patas com força na areia, como se desejasse pisotear o caçador à sua frente.

O cavaleiro apontou para a baleia sendo retalhada na praia.

— Parece que teremos um bom ano — afirmou, alisando o pescoço de sua montaria.

— Faremos o possível.

O cavaleiro sorriu, mostrando dentes grandes e amarelos. Não era um homem belo, estava ficando calvo, tinha um rosto redondo, pele clara, olhos estreitos e lábios finos. Estava um pouco acima do peso e as roupas de montaria estavam apertadas.

— Sim, Pedro, tenho certeza de que farão — disse, colocando o corpo para a frente. — Cada um deve cumprir com seu trabalho, mas eu não posso deixar de afirmar que não gosto quando homens me dizem que farão

o possível, porque o possível não irá garantir a sobrevivência da minha companhia, muito menos da armação. — Herculano parou de sorrir. — Gosto de homens que afirmam que farão o serviço. Afinal, é para isso que são pagos, não é mesmo?

— Será um bom ano, senhor Herculano. Garanto. — Todos se voltaram para Abel, que se aproximava com três homens. — Eu cacei essa baleia. Juro que neste ano, se elas vierem, terão o mesmo fim que aquela — disse, apontando para a baleia adulta. — Será o melhor ano da sua companhia e da vila.

Herculano ficou observando enquanto Abel parava ao lado de Pedro. Refletiu por alguns instantes, então apontou para ele.

— Gosto de homens como Abel, experientes e decididos. Precisamos de caçadores como ele, não é mesmo, minha esposa?

A mulher olhou para Pedro e sorriu, sem jeito.

— Sim, meu marido.

— Está vendo, até mesmo minha esposa, que passa os dias cuidando das minhas coisas, concorda com minha afirmação. Por isso eu me pergunto: será que não devíamos contratar mais caçadores como Abel? Soube que há alguns noruegueses na armação de São Sebastião que poderiam aumentar o número das baleias abatidas. São homens duros e experientes. O que me diz, Pedro?

— Não precisamos de mais caçadores.

— Meu querido marido, é preciso lembrar que caçar uma baleia é um trabalho coletivo. É a sua união que os torna fortes. A armação já tem os caçadores necessários, e eles são valentes e experientes. São como uma grande família e...

— É verdade — disse, levantando o braço para interromper a explicação. — Minha esposa, Sofia, é muito inteligente e perspicaz. Sempre foi assim, tenho que admitir. Esse foi um dos motivos pelos quais me casei com ela. Com certeza os caçadores da vila são suficientes e fazem um grande trabalho. Diga-me, Dilermando, quantos dias levarão para processá-la?

— Quatro dias, senhor Herculano.

— E a estimativa de óleo?

— Sete mil litros.

— Será que não conseguimos sete mil e quinhentos em três dias, ou três dias e meio? — E sorriu para os caçadores. — Vamos lá, senhores, vamos fazer mais com menos. Sabem como está ficando caro para processar as baleias. O que me diz desse desafio, Dilermando?

— Vamos trabalhar para atingir este objetivo.

— Viu? Minha querida esposa, nada como colocar desafios na vida de um homem.

— Com certeza, meu marido.

Sofia conduziu seu cavalo para a frente.

— Miguel, como você cresceu. Já está um homem.

— Obrigado, senhora Sofia.

— Está caçando com seu pai e seu irmão?

— Não, senhora. Estou trabalhando com Dilermando no barracão. Herculano era astuto e percebeu a tristeza na voz do jovem.

— Achei que seus dois filhos seguiriam a tradição de sua família.

— O que eu mando meus filhos fazerem é problema meu.

— Não tenho dúvidas sobre isso, estou apenas fazendo uma observação. Mas é estranho que um dos filhos do líder dos caçadores não siga os passos do pai. A menos que seja fraco demais para empunhar um arpão e caçar um animal mais manso do que uma ovelha.

— Meu amado marido, se Miguel está ajudando Dilermando é porque é muito esperto e está fazendo um bom trabalho.

— Sim, senhora Sofia — respondeu Dilermando. — Miguel é muito inteligente.

— Sofia!

Duas mulheres se aproximavam acenando. Tinham visto os cavaleiros chegando e reconheceram a amiga de infância. Usavam vestidos com estampas floridas desbotadas, cobertas por um avental de couro ensanguentado.

— Yolanda. Clara.

Sofia apeou e as mulheres a cumprimentaram.

— Não nos abrace — disse Clara, limpando as mãos no avental. — Estamos trabalhando na baleia.

— Até que enfim você apareceu — disse Yolanda.

— Estávamos com saudades — afirmou Clara com um largo sorriso.

Apesar do trabalho duro das mulheres da vila dos caçadores, Clara tinha uma beleza ímpar. Era alta, com cabelos escuros cacheados, olhos amendoados e pele clara, com nariz e boca delicados. O corpo tinha curvas bem delineadas e sua aproximação atraiu a atenção dos homens.

Salomão, irmão de Pedro, tinha conquistado seu coração. Sorriu ao vê-la se aproximar. Para ele, era impossível olhar para Clara e não ficar maravilhado com sua beleza.

— Como está bonita — disse Yolanda. — O tempo parece não passar para você.

— Obrigada. Vocês também estão bem.

— Não seja mentirosa. O tempo passa mais rápido para as mulheres da vila.

Clara percebeu o sarcasmo na voz de Yolanda. O trabalho duro no processamento das baleias e nos deveres domésticos endurecia a pele das mãos, criava rugas nos rostos e fazia nascer fios brancos em seus cabelos. Sofia não fazia nenhuma dessas de atividades. Pelo contrário, tinha uma casa repleta de criados.

Sofia pensou no que dizer, mas depois desistiu. Quando não se tem um argumento para contrapor uma afirmação, é melhor não dizer nada.

Clara percebeu o olhar das duas amigas e interveio.

— Faz tempo que não vem à vila.

— Estive viajando.

Sofia ficou calma.

— E onde esteve desta vez?

— Na França.

— Fica no Brasil?

— Não — respondeu, sorrindo, com respeito pela ignorância da amiga.

— Fica na Europa.

— Ah — disse Clara, sem imaginar onde ficava esse lugar.

— Trouxe presentes para vocês, mas os deixei em casa, porque fiquei com medo que quebrassem na cavalgada. — Sempre que Sofia viajava, trazia presentes para suas melhores amigas. Vestidos de seda, camisolas e perfumes eram alguns dos itens que recebiam. — Andei ocupada colocando as coisas em ordem na casa. Agora que elas estão no lugar, consegui convencer meu marido a me deixar visitá-las.

— Quando? — perguntou Clara, não escondendo a vontade de receber os presentes.

— Dentro de dois ou três dias. Como Miguel cresceu, Yolanda.

— Meu filho já é um homem, e agora está trabalhando com Dilermando — disse, orgulhosa.

Herculano interrompeu a conversa das mulheres:

— A companhia me chamou para uma reunião no Rio de Janeiro. Quando retornar, precisaremos conversar sobre o preço dos barris de óleo. Acredito que vão diminuir.

— Já fizemos isso no ano passado — lembrou Pedro com amargura.
— Duas vezes.

— Sempre há margem para negociação. Mas o preço está baixo para esta temporada, a oferta do óleo da Europa está concorrida. Há muitas armações que estão fazendo grandes caçadas. Se a oferta aumentar, teremos que reduzir os preços mais uma vez. Estou com uma sensação de que a companhia determinará uma redução entre cinco a dez por cento.

— Não podemos baixar os preços.

Herculano pigarreou, olhou para o mar, para os homens trabalhando na baleia, para as mulheres e franziu um dos lados do rosto.

— Pedro, olhe à sua volta e veja o tamanho da sua responsabilidade. Estou sendo honesto. Você me conhece, farei o possível para não trazer essa notícia, mas não posso descartá-la. Se a companhia determinar a redução, não poderei fazer nada. Ou você aceita essa decisão ou não terei outra saída, serei obrigado a contratar novos caçadores. Estou sendo sincero quando digo que teremos que rever o preço, caso contrário é bem provável

que vocês terão que fazer outra coisa para se sustentar. Eu não vejo tanto esforço assim para caçar esses animais. Basta enchê-los de arpões, trazê-los para a praia, retalhá-los e colocar nos caldeirões da minha companhia. Sem mim, sem a minha empresa, não existe a armação de Imbituba.

— Meu amado marido. — Herculano se virou para sua esposa com irritação por interrompê-lo e causou espanto nos homens que faziam a sua segurança. — Por que não aguardamos o término da reunião no Rio de Janeiro? — disse com delicadeza. — Talvez estejamos sofrendo por antecipação, criando atritos onde não é necessário. Devemos celebrar essa primeira caçada com a esperança de uma boa temporada. Quando o senhor tiver a decisão da companhia poderá se reunir com Pedro e discutir a melhor solução para esse possível impasse.

Herculano forçou o maxilar de raiva por perceber que ela tinha razão. Sabia que a companhia ainda não tinha decidido reduzir o preço do barril de óleo. Mas desejava instalar a angústia no coração de Pedro.

Sorriu para Sofia, um sorriso forçado, e se virou para os cavaleiros e para os caçadores:

— Por isso me casei com ela. Sofia é sensata, sabe analisar a situação como ninguém e sempre propõe a melhor solução. — Puxou as rédeas para trás, e o cavalo empinou na frente do líder dos caçadores. — Nos veremos em breve, Pedro, quando voltar do Rio de Janeiro.

Saiu galopando em disparada.

Sofia sorriu para as amigas e montou no cavalo.

— Venha nos ver — disse Clara.

— Sim, virei.

Salomão e Pedro ficaram vendo os cavaleiros se afastarem.

— Sempre achei que seriam grandes amigos.

Pedro olhou Herculano em silêncio, até vê-lo desaparecer atrás de uma duna.

— Isso foi há muito tempo, meu irmão. Depois do que aconteceu, isso jamais acontecerá.